

INSCRIÇÕES DA NECRÓPOLE PROTO-HISTÓRICA DA HERDADE DO PÊGO — OURIQUE

Por
LUÍS COELHO

Das três inscrições em caracteres do SW que até agora apareceram na necrópole proto-histórica da Herdade do Pêgo ⁽¹⁾, apenas uma, no entanto, se pode, em absoluto, considerar completa.

I — Esta lápide foi levantada pela charrua e recolhida pelo Sr. Manuel da Conceição, guarda-caça da Herdade do Pêgo, em data imprecisa no fim do Outono de 1969. Mais tarde foi levada para Beja e encontra-se hoje na colecção do dr. Fernando Nunes Ribeiro ⁽²⁾. O local onde o Sr. Manuel da Conceição diz tê-la recolhido foi assinalado no plano da área da necrópole ⁽³⁾.

Está incompleta e apresenta uma fractura.

Trata-se de uma placa irregularmente rectangular de xisto cinzento azulado com 28 caracteres completos e cartela espiralada de ângulos rectos.

Dimensões gerais:

do suporte — 47 cm × 35 cm; 4 cm de espessura média
da área epigrafada — 35 cm × 31 cm
dos caracteres — 8 cm de altura média.

⁽¹⁾ Maria Manuela Alves Dias, Caetano de Melo Beirão e Luís Coelho, «Duas Necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique. (Notícia Preliminar)», in *O Arqueólogo Português*, III série — IV, Lisboa, 1970, pp. 184-189.

⁽²⁾ *Ibid.*, p. 189.

⁽³⁾ *Ibid.*, p. 203.

keonii (Gómez-Moreno) ⁽⁶⁾ ou *sarkuna beke kunii* (Maluquer) ⁽⁷⁾, enfim, 𐤎𐤓𐤕𐤓𐤕𐤓𐤕𐤓𐤕. Estas duas inscrições da necrópole da Herdade do Pêgo retomam o problema e a inscrição II parece esclarecer-se quanto à individualização dos seus grupos de signos que serão, em hipótese de estudo, três.

a) 𐤎𐤓𐤕𐤓𐤕𐤓𐤕 encontra-se como primeiro grupo na inscrição II e aparece na inscrição I levemente individualizado do grupo anterior, 𐤎𐤓𐤕... , por um pequeno mas perceptível espaço de intervalo. O facto de 𐤎𐤓𐤕𐤓𐤕𐤓𐤕 que não recordamos em outras inscrições já conhecidas; aparecer em duas lápides da mesma necrópole faz supor um antropónimo, ou gentílico, característico da necrópole — o que apontaria um natural parentesco de sangue ou comunidade (até um atributo de função social ou grau hierárquico), e presumivelmente de contemporaneidade, entre dois indivíduos incinerados nesta necrópole.

b) O segundo grupo da inscrição II será 𐤕𐤓𐤕 que no articulado destas duas inscrições parece provar a sagaz análise de Maluquer na linha da proposta de Schmoll. Maluquer requer 𐤕𐤓𐤕 (*beke*) como palavra em oposição a Gómez-Moreno, e ainda a A. Tovar ⁽⁸⁾. Na inscrição I este grupo está ausente — no seu lugar, onde apareceria concordante, encontra-se 𐤎𐤓𐤕𐤓𐤕𐤓𐤕, que é o único grupo não pertencente à fórmula terminal da inscrição II e que nesta aparece antes de 𐤕𐤓𐤕. Como inferência imediata temos que 𐤕𐤓𐤕 será um grupo isolado com correspondência em vocábulo. Pode-se no entanto opor que se se entender 𐤎𐤓𐤕𐤓𐤕𐤓𐤕 como elemento complementar (ou um tipo de

(6) Manuel Gómez-Moreno, «La Escritura Bástulo-Turdetana (Primitiva Hispánica)», ed. da *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid, 1962. Ver o comentário feito a esta obra por Ulrich Schmoll, «Zur Entzifferung der Südhispanischen Schrift», in *Madriider Mitteilungen*, 3, Heidelberg, 1962, pp. 85-100.

(7) Juan Maluquer de Motes, *Epigrafia Prelatina de la Península Ibérica*, ed. do Instituto de Arqueología y Prehistoria de la Universidad de Barcelona, Barcelona, 1968.

(8) Ver a excelente revisão do problema em António Tovar, «El oscuro problema de la lengua de los Tartesios», in *Tartessos y sus Problemas*, V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular, ed. da Universidad de Barcelona, Barcelona, 1959, pp. 341-346. Tovar propõe: *saronabe keonii*.

variante) da fórmula terminal, e não como antropónimo segundo a nossa hipótese de a), visto que aparece intercalado depois de $\sigma\mu\alpha\iota$ na inscrição I, então $\chi\alpha\mu$ poderá revestir-se de aspecto desinencial posposto a um elemento por exemplo enfático, mas isso reduziria a inscrição II à fórmula, sem elementos de individualização, ou haveria que a considerar incompleta — o que não nos parece provável em ambos os casos. Por outro lado, que o signo χ se deva agrupar com $\alpha\mu$ e não com $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ na análise da estrutura da fórmula terminal, parece efectivamente válido. Em I, $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ aparece isolado, não antecedido de χ ; em II, excluindo $\mu\mu\mu\alpha\lambda$, o conjunto comum em I, e retirando $\mu\mu\mu\alpha\lambda$, porque se individualizará já que em I o conjunto variante aparece isolado, resta $\chi\alpha\mu$. — A prova de Maluquer/Schmoll está feita. Claro que prudentemente há que admitir que uma única inscrição não deve ser base para lei, o caso da inscrição I; mas aí o remate interno da cartela é duma eloquência excessiva.

c) Pela primeira vez aparece $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ ocupando o lugar dos já conhecidos $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ e $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ ⁽⁹⁾. $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ na inscrição II sugere algumas questões curiosas. $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ em I e $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ em II estabelecem a alternância μ / μ que terá a sua explicação epigráfico-linguística mas que também poderia ser mero indicativo de dois lapicidas dialectalmente diferenciados por espaço ou tempo — porque, sem dúvida, que estamos diante de dois lapicidas; (considerando ainda que a análise do *ductus* nestas inscrições não só levanta o problema do tipo do caligrafismo do lapicida como o do estilete: uma natureza diferente de estilete, ou cinzel, riscando o xisto é sempre um facto de grande importância na análise estilística dos caracteres, assim como a natureza litológica dos suportes; a dureza relativa ou o tipo de laminagem dos xistos, a granulidade, ou mesmo a química, dos grés nunca devem deixar de ser considerados) ⁽¹⁰⁾. À já conhecida alternância $\mu\mu\mu\alpha\lambda /$

⁽⁹⁾ $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ e $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ não são as duas únicas formas conhecidas. Na antologia publicada por Maluquer na sua *Epigrafia Prelatina...* temos: $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ (308 e 320), $\mu\mu\mu\alpha\lambda$ (307), $\mu\mu\mu\alpha\lambda$? (303), etc.

⁽¹⁰⁾ Com uma geografia e uma cronologia reduzidas, cremos que o estudo desta epigrafia deve, desde já, atender a este tipo de factores.

ϷϷϷ junta-se agora esta: Ϸ↑ϷϷ. Temos portanto — Ϸ / Ϸ / ↑. Ora Tovar transliterou Ϸ por Θ (*th*)⁽¹¹⁾ e ↑ pode transliterar-se por *t*⁽¹²⁾ donde salta a hipótese de admitir ↑ = Ϸ; ↑ podia-se admitir até como uma evolução ou simplificação de Ϸ ou ainda que Ϸ fosse a expressão gráfica, nexos, de signos duplos; mas a verificar-se a concorrência de Ϸ e de ↑ numa mesma inscrição, qualquer das duas últimas hipóteses de correspondência sofrerá uma crítica incômoda e, provavelmente, durável. Prudentemente, talvez seja pois de aceitar, simplesmente por ora, o binómio da alternância Ϸ / ↑ e da correspondência Ϸ = ↑.

O aparecer, em separado, na inscrição I, o grupo ϷϷϷ vem recordar dois importantes mas muito esquecidos textos de J. Leite de Vasconcelos, publicados em *O Archeologo Portuguez*⁽¹³⁾, em que na esteira hubneriana de transliteração o grande Mestre português aproxima ϷϷϷ (*konii*) de correspondência, pelo alfabeto fenício com os etnónimos κόνιοι, κωνήτες, κωνήσιοι, *Cuneus*, referenciados pelos autores clássicos. Sobretudo com κόνιοι de Políbio. ϷϷϷ / ϷϷϷ tem

(11) António Tovar, *The Ancient Languages of Spain and Portugal*, ed. S. F. Vani, New York, 1961, pp. 36-38.

(12) ↑ = t encontra-se em Novilara (alfabeto itálico pré-latino), ver v. g. James G. Février, *Histoire de l'Écriture*, ed. Payot, Paris, 1959, p. 460 em escrita igualmente sinistrorsa, † = t é ainda o *tyr* do antigo alfabeto rúnico, ver *ibid.*, p. 507. ↑ = u, como pretende Maluquer «signo de origen mediato griego», in *Epigrafia Prelatina...*, pp. 30-31, dará uma alternância vocálica também muito provável pela natureza doce do *u* (em morfogenia de vocábulos de raiz indo-europeia as regras que regem os substantivos de temas em «-i-» e em «-u-» são as mesmas, v. g. Émile Benveniste, *Origines de la formation des noms en Indo-Européen*, ed. Adrien Maisonneuve, Paris, 1962, p. 60): ↑ / Ϸ ou Ϸ / ↑. Por outro lado se admitirmos ↑ = ↓ e ↓ = Ψ tal como aparece em Corinto, Cócira, Mégara, Argos, Siracusa, Selinonte, etc., como aponta L. H. Jeffery, *The local Scripts of Archaic Greece. A study of the origin of the Greek Alphabet from the eight to fifth centuries B.C.*, Oxford at the Clarendon Press, Oxford, 1963, 2nd ed., no mapa final da distribuição dos caracteres, uma transliteração alfabética, e não silábica, dos signos dá-nos, ao lado de ϷϷϷ = *konii*, Ϸ↑ϷϷ = *kon psi*. *Kon psi*, que sugere imediatamente o etnónimo *Cempsi* fartamente referido pelos autores clássicos, atira-nos para uma problemática que mais adiante referimos.

(13) J. Leite de Vasconcelos, «Novas inscrições ibéricas do Sul de Portugal, in *O Archeologo Portuguez*, XXVIII, Lisboa, 1929, p. 207 e «Os Cónios», in *O Archeologo Portuguez*, XXIX, Lisboa, 1933, pp. 168-170.

sido modernamente interpretado por demonstrativo (J. Pokorny)⁽¹⁴⁾ e por forma verbal (Schmoll)⁽¹⁵⁾, e nessas fecundas direcções se tem orientado a investigação filológica além-pirenaica sobre o assunto, como nos noticia A. Tovar⁽¹⁶⁾. Nós mesmos, logo ao iniciar o estudo desta epigrafia julgámos reconhecer em $\eta\eta\upsilon\omicron\lambda$ um parentesco com a raiz verbal do grego: $\acute{\epsilon}\kappa\epsilon\iota\theta/v-$, ou $\epsilon\iota\chi-/ε\iota\kappa-$. Ainda presentemente pesquisamos nesse sentido embora já tendo abandonado a suposição do mediatismo ródio que inicialmente se nos impusera pela sua aparente evidência. O que sabemos, hoje, dos povos proto-históricos do Mediterrâneo ocidental é ainda muito pouco para poder julgar de um seu hipotético hábito de incluir nas inscrições tumulares uma referência sistemática à etnogenia. Vejamos: se se verifica uma identidade entre os $\kappa\acute{o}\nu\iota\omicron\iota$ de Políbio e os autores das inscrições proto-históricas do SW Peninsular Português, resulta estranho e pouco natural que uma sociedade que escreve uma língua própria (com uma escrita própria), para aparente uso interno, faça referência repetida ao seu nome; mesmo nas circunstâncias que se conhecem — incluída nos ritos funerários. Pois que essa referência etnogénica auto-lavrada, raciocinando dentro dos ensinamentos da Antiguidade, é um tipo de caracterização que se usa por oposição a outras referências do mesmo género expressas, ou passíveis de tal, na mesma escrita, na mesma língua, e, de uma forma geral, subentendendo um conceito mais geral de nação. A especificação que se encontra muito mais tarde sob o domínio romano tem a sua plena justificação no quadro da adaptabilidade dos povos sujeitos à geografia político-administrativa do Império. Um *Pacense*, um *Myrtilense* cabem nos *Hispanienses*, como estes são uma parte de

(14) Julius Pokorny, in *Erasmus*, II, pp. 82 e ss., como refere A. Tovar in *El oscuro problema...*

(15) U. Schmoll, *Die Südlusitanischen...*, p. 42.

(16) A. Tovar, in *El oscuro problema...*, diz: «... sobre el problema se ha pronunciado también Stig Wikander en su reciente y muy sugestivo trabajo «Sur la langue des inscriptions sud-hispaniques», publicado en la revista *Studia Linguistica*, XX, 1-8. Explica la forma como de raiz indoeuropea *ki-, como en lício *sijeni* (traducida por «yace» por V. Thomsen, v. S. Bugge, *Lykische Studien*, II, *Videnskabselskabets Skrifter*, Cristiania, 1901, p. 78); en la doble forma con t y sin ella tendríamos formas muy arcaicas de la conjugación indoeuropea de la tercera persona, como tenemos en hitita y en la doble forma véd. *Sayate* y *Sayate*, "el yace".»

quantos estão dentro das gigantescas fronteiras do Império. Ora o que parece é que só os κόνιοι, à sua data, escreviam, e tendo uma área geográfica de disseminação e ocupação limitada, a sua constante referência etnonímica não parece justificar-se por oposição a mais ninguém. Mesmo admitindo ¶↑ΥΟ|| = Conpsi e Compsi = Cempsi, portanto tendo duas populações interpenetradas — facto já mais ou menos claramente anotado na *Ora Maritima* ⁽¹⁷⁾ — o problema subsiste enredando-se em hipóteses de explicação afastadas das premissas da linearidade de raciocínio sempre a pressupor nos povos antigos. Cremos que será razoável deixar o assunto assim como está problemático e interrogativo pois que será natural que no seguimento próximo da investigação do contexto civilizacional desta epigrafia, se rasgue um mais vasto horizonte de conhecimentos que virão possibilitar um avanço seguro. Há no entanto uma hipótese de explicação de conjunto que, embora excessivamente imaginosa, não queremos deixar de referir: fixando o pressuposto de uma antiguidade incerta para estas inscrições e observando as fontes literárias, que referenciam os *Cónios*, notamos que pertencem a Heródoto e a Herodoro de Heracléia ⁽¹⁸⁾, dois autores do séc. V a.C., as mais antigas referências a

⁽¹⁷⁾ Avieno, «Ora Maritima», ed. de Adolf Sculten, *Fontes Hispaniae Antiquae*, I, Barcelona, 1955, 2.ª ed., v. g. «inde Cempsis adiacent populi Cynetum», p. 73, vv. 200-201. Para a correspondência ¶↑ΥΟ|| = *Cempsi* recordar também a nota 12 deste artigo.

⁽¹⁸⁾ Conservado em Constantino Porfyrogeneta e em Estêvão de Bizâncio, ver em F. Jacoby, *Die fragmente der Griechischen Historiker*, I-A, E. J. Brill, Leiden, 1957, pp. 215-216:

Ἰβηρίαί δύο· ἡ μὲν πρὸς ταῖς Ἡρακλείαις στήλαις... ταύτης δὲ πολλὰ φασιν ἔθνη διαιρεῖσθαι, καθάπερ Ἡρόδωρος ἐν τῇ δεκάτῃ τῶν καθ' Ἡρακλέα γέγραφεν, ἱστορῶν οὕτως· "τὸ δὲ Ἰβηρικὸν γένος τοῦτο, ὅπερ φημί οικεῖν τὰ παράλια τοῦ διαύλου, διώρισται ὀνόμασιν ἐν γένος ἔδον κατὰ φύλα· πρῶτον μὲν οἱ ἐπὶ τοῖς ἐσχάτοις οἰκοῦντες τὰ < πρὸς > δυσμέων Κύνητες ὀνομάζονται (ἀπ' ἐκείνων δὲ ἤδη πρὸς βορέαν ἴοντι Γλήτες)· μετὰ δὲ Ταρτησιοί· μετὰ δὲ Ἐλβυσίνιοι· μετὰ δὲ Μαστικηνοί· μετὰ δὲ Κελκιανοί· ἔπειτα δὲ ἠδιοροδανός"; ε Κυνητικόν· Ἰβηρίας τόπος κλησίον ὠκεανοῦ· Ἡρόδωρος ἵ τῶν καθ' Ἡρακλέα. οἱ οἰκοῦντες Κύνητες καὶ Κυνήσιοι, ε αἰνδα· Γλήτες· ἔθνος Ἰβηρικὸν μετὰ τοὺς Κύνητας· Ἡρόδωρος ἵ.

Ver também em Stephan von Byzanz, *Ethnika, Stephani Bizantii Ethnicorum quae*

este povo. Admitindo que as informações etnonímicas dos dois autores clássicos foram recebidas directamente por quem houve experiência de uma viagem, Mediterrâneo além, para lá das Colunas de Hércules, e admitindo o natural, senão necessário, poliglotismo, ou pelo menos o bilinguismo grego/púnico, desses *nautae* aventureiros e comerciantes, basta supor que: o grego navegador, que fornece as informações a Heródoto e a Herodoro, e quem sabe quantas a Carão de Lâmpsaco, levado pelas exigências do reatamento do comércio marítimo da sua pátria com o extremo ocidente europeu, ao percorrer as nossas actuais províncias do Baixo Alentejo e Algarve, encontra amiudadamente, como hoje a nossa investigação arqueológica parece estar a comprovar, necrópoles onde, em lápides ou estelas, o seu poliglotismo ou o simples bilinguismo grego/púnico lhe permite entender uma palavra sempre frequente e fácil, entendida alfabeticamente, $\eta\eta\eta\omicron\lambda$ / $\eta\theta\eta\omicron\lambda$ (como ele, E. Hübner e J. Leite de Vasconcelos irão vinte e tantos séculos mais tarde transliterar); esta palavra será a que irá identificar, para a Antiguidade Clássica, a região e as gentes, mas o nosso grego do séc. V já não encontrou vivo o povo que foi autor da epigrafia misteriosa — ele havia desaparecido cento e tantos anos antes, sujeito a um destino que lhe fora marcado em Alalia (535 a.C.) que nem Artemision⁽¹⁹⁾ nem Himera (480 a.C.) puderam modificar; o conseqüente desenvolvimento de Gades, Sexi, Abdera, Ebusus, etc., servirão à completa explicação e confirmação de tal morte. Deste modo recuamos cronologicamente os nossos autores das inscrições, já desaparecidos do seu país e disseminados para o oriente peninsular, de qualquer forma sempre para lá do Anas, onde irão levar a lição da sua arte de escrever, e conhecidos dos gregos somente nas necrópoles

supersunt ex recensione Augusti Meineki, Akademische Druck, Graz, 1958, pp. 209-323, *Fontes Hispaniae Antiquae* recolhem também o texto de Estêvão de Bizâncio. Em Herodoro, *Κωννηρικόν*, *Cyneticum*, de natureza geográfica parece ser uma derivação construída pelo autor e não uma informação toponímica recolhida junto de informadores experimentados por uma ou mais viagens. Keune, in *Pauly-Wissowa...*, 23, p. 2, ao estudar a palavra *Kynesioi*, segue o pensamento paletoológico de Schulten.

(19) Ver Pedro Bosch-Gimpera, «Una Guerra entre Cartagineses y Griegos en España. La ignorada batalla del Artemisión», *Cuadernos de História Primitiva*, Ano V, n.º 1, Madrid, 1950, pp. 43-55.

onde, hoje, nós de novo os reencontramos. Esta hipótese de explicação (repetimos: excessivamente imaginosa) deixa livre, como se vê, a interpretação linguística de $\Psi\Psi\omicron\lambda$ como forma verbal peculiar das circunstâncias funerárias e onde a pista conduzida por Stig Wikander tanto parece prometer.

Retomando a análise da inscrição da lápide II e recordando a hipótese da individualização dos três grupos de signos $\Psi\Psi\Psi\Psi$, $\Psi\Psi\Psi$ e $\Psi\Psi\omicron\lambda$ sublinhemos a invulgar ausência de $\omicron\Psi$; $\omicron\Psi$ é um dos grupos constantes e que por vezes até se repete na mesma inscrição; possui flexibilidade formal pois que aparece $\omicron\Psi\xi$, $\Psi\Psi$, $\omicron\Psi$ (20). Sempre fomos tentados a querer ver em $\omicron\Psi$ um vestígio da raiz indo-europeia **ker-/sker-*, bem exemplificada no grego *σάρξ/σαρκός* e no latim *caro, carnis* para o que concorria uma outra fraccionação de toda a fórmula terminal (21); Embora discordando do sistema de transliteração silábica de Maluquer o seu *sarkuna* parece vir em apoio à ideia preliminar que, por prudência, não quisemos explicitar, mas que agora referimos pois que uma outra óptica irá presidir aos nossos estudos. No conjunto $\omicron\Psi$, e nas suas variantes $\omicron\Psi\xi$, $\Psi\Psi$, $\omicron\Psi$, as alternâncias vocálicas principais A/Ψ , \omicron/A , (dentro dum estrito pressuposto de que se trata de uma escrita alfabética — recordemos a fase rebelde de A. Tovar em relação a Gómez-Moreno) que insinuam uma valoração temporal, e, ainda, a alternância consonântica Ψ/Ψ não fogem por nada ao domínio da linguística indo-europeia.

Em relação ao signo Ψ (*be* de Gómez-Moreno e de Maluquer), não esquecendo o que A. Tovar diz em «El oscuro problema...», pp. 343-344, e recordando que o sistema de valoração de Gómez-Moreno foi o da exclusão de partes (não só com este mas também com outros dois signos Ψ/Ψ e Ψ) (22), consideremos, primeiro, o conceito de «argárico» articulado com esta epigrafia. Segundo M. Gómez-Moreno, o orientalismo argárico identifica-se com o expoente

(20) Ver para esta última forma alternante o n.º 307 da Antologia de Maluquer, publicada na p. 145 da sua *Epigrafia Prelatina...*

(21) $\Psi\Psi\omicron\lambda\Psi \cdot \Psi\Psi\Psi\xi$

(22) M. Gómez-Moreno, *La escritura...*, p. 17.

mais definido daquilo que o autor tem por civilização tartéssica ⁽²³⁾ ainda que no seu traço arqueológico mais original, a escrita ⁽²⁴⁾, se veja uma importação tardia ⁽²⁵⁾. X (*be*), em Wikander, e Tovar, — nas formas *-abe*, *-obe*, *-oabe* — é explicado como um sufixo casual de tipo indo-europeu por hipotética herança recebida da Ásia Menor «hacia las primeras etapas de Troya» ⁽²⁶⁾. A inexistência de paralelos gráficos para o signo X e a sua posição de alinhamento nos textos sugerem bastantes dúvidas quanto à sua verdadeira natureza. É flagrante que X não aparece nesta epigrafia senão pouquíssimas vezes fora de um conjunto de fórmula terminal ⁽²⁷⁾.

Quase que pela sua pouca frequência, podemos considerar X um signo raro, embora ele seja o único absolutamente característico desta epigrafia.

Vejamos agora a articulação das variantes na estrutura da forma terminal:

$\begin{array}{l} \gamma\gamma\gamma\circ\|, \gamma\circ\gamma\circ\| \\ \gamma A\gamma\circ\|, \gamma\emptyset\gamma\circ\| \\ \gamma\uparrow\gamma\circ\| \end{array} \rangle \text{XAY} \langle \begin{array}{l} \circ\gamma A\}, A\gamma A\} \\ \circ\gamma A\}, A\gamma A\} \\ \circ\gamma\uparrow\} \end{array}$

⁽²³⁾ *Ibid.*, p. 11: «... lo monumental más primitivo del Algarve se nos ofrece en la tartéssica necrópoli de Alcalar (Portimão), con sus cúpulas como las de los Millares (Almería), abundancia de cobre y pedernales, algo de oro y ámbar. (...) pero lo que viene más a propósito son otras necrópolis de tipo del Argar, que se suceden numerosas hasta el Bajo Alentejo *sin traspasar el Guadiana*.» Ver também em outro texto do mesmo autor — Manuel Gómez-Moreno, *Adam y la Prehistoria*, Editorial Tecnos S. A. Madrid, 1958, pp. 96 e ss. (Itálicos nossos).

⁽²⁴⁾ Basta notar que A. Tovar, em *El oscuro problema...*, faz corresponder à língua tartéssica a das inscrições proto-históricas do SW Peninsular Português.

⁽²⁵⁾ M. Gómez-Moreno, *La Escritura...*, p. 11.

⁽²⁶⁾ A. Tovar em *El oscuro problema...*, p. 344, a citar M. Gómez-Moreno, *La Escritura...*, p. 10.

⁽²⁷⁾ Dois exemplos, os mais inequívocos, e também dos mais célebres: na inscrição de Bensafrim (Fonte Velha), encontrada pelo grande arqueólogo português que foi, e é, António dos Santos Rocha e que se encontra hoje no Museu da Figueira da Foz (n.º II, de Gómez-Moreno; n.º 15, de Schmoll, n.º 305, de Maluquer) — a 1.ª notícia é de J. Leite de Vasconcelos, «Nova Inscrição Ibérica do Sul de Portugal», in

que em transcrição alfabética dará :

saro, sara, sano, sana, sero	>	na \mathfrak{H}	<	konii, konoï, konai, konthi (?), konpsi (?)
------------------------------------	---	-------------------	---	---

A exploração de um sistema de transliteração exclusivamente alfabética parece não garantir um avanço seguro na decifração desta epigrafia. Admitindo, no entanto, uma valoração silábica para alguns dos signos, perspectivas mais optimistas se abrem para o método. Quais serão então os signos que deverão ser entendidos como silábicos? — Aqueles que já aparecem como tal noutras escritas proto-históricas do Mediterrâneo? — Aqueles cujo desenho, menos simples ou mais trabalhado, parece sugerir nexos? — Aqueles que pela sua inclusão no texto, e pela valoração alfabética dos imediatamente próximos, forcem a ser transliterados por valores silábicos?

Por outro lado há um factor que nunca pode ser esquecido no estudo desta epigrafia: o grau de rigor ortográfico do lapicida. Uma escrita aparentemente homogénea não implica forçosamente rigor ortográfico. Vejamos, para exemplo, esta hipótese de transliteração:

Na lápide de A Dobra ⁽²⁸⁾, Monchique, temos o seguinte conjunto de signos $\mathfrak{V}\uparrow\mathfrak{V}\mathfrak{A}\xi$ que podemos entender primariamente por *saipsi*. A proximidade entre *Compsi Cempsi* e *Saipsi* é mais notória após a transliteração do que no original $\mathfrak{V}\uparrow\mathfrak{V}\mathfrak{O}\mathfrak{H}$ e $\mathfrak{V}\uparrow\mathfrak{V}\mathfrak{A}\xi$. Fazendo desta proximidade uma identidade — o ditongo oral *ai* passando ao nasal *om/em* e a alternância da oclusiva e da sibilante iniciais, *K/S*, continuam a não fugir ao domínio da linguística indo-europeia

O Archeologo Portuguez, III, Lisboa, 1897, pp. 185-190; na inscrição da Corte do Freixo, Almodôvar, hoje na colecção do dr. Fernando Nunes Ribeiro, em Beja, (n.º 323, de Maluquer) — a 1.ª notícia é de Afonso do Paço, Fernando Nunes Ribeiro e Gonçalo Lyster Franco, «Inscrição Ibérica da Corte do Freixo (Almodôvar)», in *Zephyrus*, XVI, Salamanca, 1965, pp. 99-106. Dois exemplos, os mais recentes: as inscrições e I e II deste trabalho; ver ainda na inscrição III da Necrópole do Monte de A-do-Mealha-Nova, M. Manuela Alves Dias, Caetano de Melo Beirão e Luís Coelho *Dois necrópoles da Idade do Ferro...*, p. 193.

⁽²⁸⁾ Abel Viana, José Formosinho y Octávio da Veiga Ferreira, «De lo Prerromano a lo Arabe en el Museo Regional de Lagos», in *Archivo Español de Arqueología*, XXVI, Madrid 1953, p. 123 e p. 134; n.º VIII de Gómez-Moreno, n.º 21 de Schmoll, n.º 315 de Maluquer.

(notemos que o lapicida pode estar a realizar a sua escrita fonética e que nos 31 signos que nos restam da inscrição ele não incluiu nenhum λ) — construímos uma pirâmide de suposições e interrogações onde mesmo a valoração diacrónica não pode ser utilizada por causa do ainda hoje tão insuficiente conhecimento do assunto.

Portanto, novas descobertas de monumentos epigráficos e seu estudo, prosseguimento das investigações arqueológicas ⁽²⁷⁾ continuam a ser os objectivos principais de todo o investigador desta escrita.

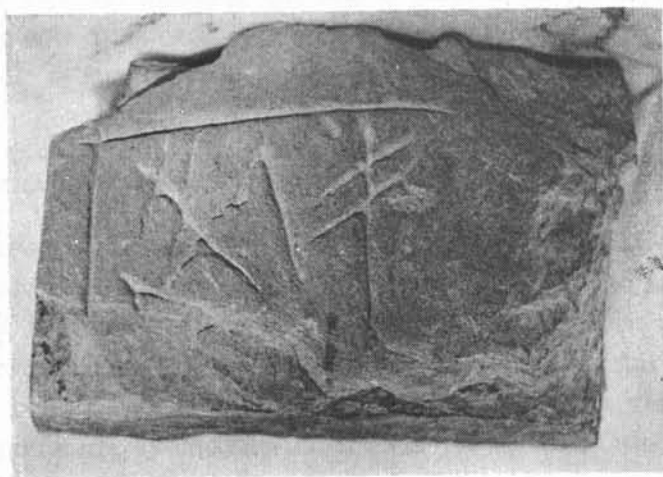
III — Esta lápide apareceu integrada na arquitectura do túmulo III ⁽³⁰⁾. Trata-se de uma lápide com a forma de um paralelepípedo rectângulo, de xisto cinzento amarelado. Esquadria.

Está incompleta.

Dimensões gerais:

do suporte — 22 cm × 14 cm; 9 cm de espessura
dos caracteres — 8 cm de altura média.

Texto: 1#1#



⁽²⁹⁾ Ter sempre presente o ensinamento de Massimo Pallottino, *Etruscologia*, Hoepli, Milão 1968, p. 374: «Ha molta importanza una sicura valutazione archeologica sul carattere, sul significato, sulla cronologia dei monumenti e degli oggetti con i quali si accompagnano le iscrizioni».

⁽³⁰⁾ M. M. Dias, C. Beirão e L. Coelho, in *Duas Necrópoles...*, p. 187.

Para este conjunto de signos temos paralelo na estela de Bensafrim publicada por M. Gómez-Moreno, n.º VII ⁽³¹⁾. Na nossa inscrição o primeiro signo a contar da direita está fracturado.

RÉSUMÉ

On présente trois inscriptions aux caractères ibériques du S. W. Peninsulaire portugais qui procèdent d'une très riche nécropole à fosses d'incinération fouillé depuis deux années. On étudie la nature de quelques signes et on présente des hypothèses de translittération du groupe terminal en établissant des liens avec éthnonymes connus dans l'*Ora Marítima* d'Avieno. Il n'y a pas de thèse mais, tout simplement, un exposé problématique sur une question affleurée par les inscriptions I et II: l'identification des *Conios*.

⁽³¹⁾ Manuel Gómez-Moreno, *La Escritura Bastulo-Turdetana (Primitiva Hispánica)*, Madrid, 1962, p. 25.